

SEÇÃO: Varia

POR UMA FENOMENOLOGIA DO POLÍTICO: LEO STRAUSS LEITOR DE HUSSERL

For a Phenomenology of the Political: Leo Strauss reader of Husserl

Elvis de Oliveira Mendes¹

<https://orcid.org/0000-0003-1303-1319>

elvis.oliver@live.com

Resumo: A influência da crítica fenomenológica de Edmund Husserl sobre a filosofia política de Leo Strauss é o tema central deste artigo. Analisarei a relação de Strauss com o *insight* de Husserl, especificamente, sua crítica ao cientificismo e a centralidade do “mundo da vida” para sua abordagem filosófica. Mais precisamente, será mostrado a relação de Strauss com os textos de maturidade de Husserl que vieram a compor sua obra monumental “*Die Krisis*”. Assim, por meio da visitação de textos, cartas e conferências deixados por Strauss, pretendo mostrar que há de fato, forte influência de Husserl em seu resgate de alguns elementos da filosofia política clássica enquanto alternativa de renovação da ciência social e política contemporânea.

Palavras-Chave: Leo Strauss. Edmund Husserl. Fenomenologia do político. Mundo da vida.

Abstract: The influence of Edmund Husserl's phenomenological criticism on Leo Strauss's political philosophy is the central theme of this paper. I will analyze Strauss's relationship with Husserl's insight, specifically, his critique of scientism and the centrality of the “lifeworld” to his philosophical approach. More precisely, Strauss's relationship with Husserl's mature texts that came to compose his monumental work “*Die Krisis*” will be shown. Thus, through visiting texts, letters and lectures left by Strauss, I intend to show that there is, in fact, a strong influence of Husserl in his rescue of some elements of classical political philosophy as an alternative for renewing contemporary social and political science.

Key words: Leo Strauss. Edmund Husserl. Phenomenology of the Political. Lifeworld.

Fomos conduzidos um pouco mais para as profundidades, e nas profundidades residem as obscuridades e, nas obscuridades, os problemas.

Edmund Husserl

1 Introdução

Neste artigo, será analisado de que maneira o método fenomenológico de Husserl exerce influência na proposta de reavivamento da filosofia política desenvolvida por Strauss,

¹ Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal Fluminense (RJ) e em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (MG).

não só isso, mas que os problemas centrais enfrentados por Husserl são os mesmos levados a cabo na reflexão straussiana. De fato, é possível perceber que o resgate da dignidade do senso comum por meio da “doutrina essencial do mundo da vida”, que encontra na percepção do mundo dado e “das coisas mesmas” a fonte de todo conhecimento humano, seja científico ou a-científico, desenvolvida enquanto um dos temas seminais de Husserl é apreendida e utilizada por Strauss em sua crítica ao positivismo presente nas ciências sociais de seu tempo. Nesse sentido, a consideração do “mundo da vida”, enquanto um lugar de início para todo entendimento humano, se mostra para Strauss como um método mais adequado de análise, visto que o fenômeno da vida dada em sociedade é o principal objeto de estudo da filosofia política.

Para lidar com essa temática, a presente investigação está dividida em quatro partes. Na primeira parte, analiso o impacto da fenomenologia de Husserl sobre a filosofia política de Leo Strauss. Na segunda parte, analiso de maneira breve como a fenomenologia de Husserl declaradamente a-política pode sim ser uma alternativa metodológica de reforma da ciência social e política contemporânea, visto que seu fundador não excluiu essa possibilidade. Na terceira parte, apresento como a “doutrina essencial do mundo da vida” desenvolvida por Husserl, serve de instrumento para a proposta de reavivamento da filosofia política proposta por Strauss. Por fim, mostrarei de que forma a crítica de Leo Strauss à ciência social e política de seu tempo está permeada de elementos da crítica fenomenológica de Husserl. Pretendo com isso concluir que, há na crítica da modernidade de Strauss a proposta de uma “fenomenologia do político”, enquanto um caminho alternativo para a reconfiguração não apenas da ciência social e política, mas da própria filosofia política contemporânea.

2 O impacto da fenomenologia de Husserl sobre a filosofia política de Leo Strauss

Em uma carta de resposta endereçada ao professor Eric Voegelin datada de 9 de maio de 1943, Strauss discorda da opinião do colega sobre sua interpretação em relação à fenomenologia de Husserl, naquela ocasião, Strauss faz uma afirmação marcante sobre as primeiras partes do que posteriormente se tornaria o *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die Transzendente Phänomenologie: Eine Einleitung in die phänomenologische Philosophie*, traduzido para o português como, *A Crise das Ciências*

Europeias e a Fenomenologia Transcendental: Uma Introdução à Filosofia Fenomenológica, obra que se tornou o testamento filosófico de Husserl. Strauss se referia naquele momento aos textos que foram primeiramente publicados em 1936 no anuário filosófico internacional chamado *Philosophia*, visto que a obra inteira só viria a público apenas em 1954. Essa carta nos informa que o acesso à primeira parte do *Die Krisis* de Husserl parece ter deixado Strauss realmente impressionado, sobre esse escrito ele afirmou:

Não conheço nada na literatura do nosso século que seja comparável a essa análise em rigor, em profundidade e em escopo. Husserl viu com clareza incomparável que a restauração da filosofia ou da ciência – porque ele nega que aquilo que hoje passa por ciência seja realmente ciência – pressupõe a restauração do nível platônico-aristotélico de questionamento. Sua egologia só pode ser entendida como resposta à questão platônico-aristotélica relacionada ao *noûs* – e somente no nível dessa questão é possível discutir adequadamente aquela resposta (VOEGELIN; STRAUSS, 2017, p. 45).

O nível de radicalidade dessa afirmação se dá não apenas por sua vitalidade e vigor, mas pelo fato de que raramente Strauss se comprometeu em defender um autor de seu tempo desta maneira. Outro aspecto que deve ser considerado é que, Strauss estava imerso numa geração de intelectuais alemães de peso, formada por nomes como Weber, Heidegger e Schmitt, apenas para citar alguns, sendo assim, defender o *insight* fundamental de Husserl nesses termos exigia não só coragem, mas certa “convicção” filosófica. Embora Strauss, como é possível perceber, considere o *insight* de Husserl um caminho original para a retomada da radicalidade do método filosófico enquanto uma ciência verdadeiramente *zetética*, isto é, investigativa por excelência e comprometida com as questões fundamentais, isso só é possível porque em Husserl está posto um retorno e reconsideração do *noûs*, enquanto um tipo de experiência de pensamento comum aos filósofos antigos, anteriores à separação moderna entre filosofia e ciência, que na visão de Strauss teria conduzido a filosofia à condição de mera especulação secundária frente à exatidão das ciências naturais (STRAUSS, 1971, p. 78).

Nesse sentido, a proposta de Strauss de um “retorno” à compreensão antiga de ciência se dá justamente pelo seu caráter *noético* e *apodítico*, que por um lado, é fruto da razão humana, uma ciência / filosofia compreendida como uma postura ou um tipo único de conhecimento (*episteme*) que está para além da mera opinião (*doxa*), cuja prática se configurava como uma forma de reflexão radical comprometida com a busca do eterno, isto é, com a compreensão dos problemas permanentes que perseguem o humano para além da

mera contingência histórica. Por outro lado, essa ciência só é possível como algo que se apresenta na totalidade das coisas, isto é, a constatação de que a percepção dos fenômenos possui uma racionalidade² intrínseca, que não é apenas racional, mas sensível, pois se revela em um primeiro momento, apenas por meio do senso comum.

Ainda sobre isso, vale dizer que, racionalidade para Husserl possui um caráter diferente do que é racionalidade ou razão no sentido moderno. O foco de sua reflexão estava na formulação de uma concepção de razão “genuína”, enquanto alternativa à crise filosófica e cultural que permeava sua época. A noção de razão desenvolvida por Husserl rompe com a noção moderna porque ele desvincula a relação entre razão e teoria científica. Para Husserl, há um equívoco na ideia tipicamente moderna de que há uma ligação direta entre as noções de razão enquanto procedimento racional e cálculo por exemplo (HUSSERL, 2006, p. 287-288). Ao acusar a ciência moderna de reduzir toda razão à razão teórica, Husserl não rejeita a racionalidade inerente à teoria, na verdade, trata-se justamente do contrário, ele amplia a concepção de razão, destacando que existem outras formas de razão, axiológica e prática, responsável pelo surgimento dos valores e da cotidianidade.

Embora essas formas de razão não funcionem de acordo com nenhum processo racional nos moldes da ciência teórica, elas não são menos racionais à sua própria maneira. Ao separar a razão do cálculo, Husserl vai além de uma perspectiva puramente processual da razão, adotando uma abordagem “teleológica” e “intuitiva” ou “evidencial” da razão (Cf. DRUMMOND, 2007, p. 177-178). Nesse sentido, a razão é, portanto, uma busca por evidências, e as experiências intuitivas e evidências pelas quais a razão se orienta assumem diferentes formas na cognição e na ciência teórica. Assim, a crítica de Husserl ao tipo de razão moderna e sua proposta de uma racionalidade mais abrangente que assimile os variados aspectos da vida humana, parece realmente ter causado impacto no pensamento de Strauss, isso é perceptível porque ainda na mesma carta de 1943, ele explica de que maneira pretende se utilizar da orientação de Husserl, quando afirma que, “é impossível um começo autêntico das ciências sociais antes de que os conceitos fundamentais sejam esclarecidos” (VOEGELIN; STRAUSS, 2017, p. 45).

Strauss enxerga em Husserl a proposta de retomada dos termos, dos conceitos, assim, por esse caminho, Strauss entrevê a possibilidade de retomada da experiência do

² A busca de uma explicação mais adequada da razão caracteriza o pensamento de Husserl durante maior parte de sua vida intelectual, desde a escrita de seu *Investigações Lógicas* até sua última obra.

“político”. Para tanto, o resgate da centralidade do tema do político enquanto fenômeno deve ser feita a partir de seu início, isto é, a partir das questões fundamentais, são as perguntas que importam verdadeiramente. De fato, as questões só serão compreendidas se estudadas a partir de seus inícios. A influência da fenomenologia de Husserl sobre a abordagem straussiana do fenômeno do político se dá muito pelo chamado de Husserl em direção aos inícios. Esses inícios se referem à experiência direta e imediata da realidade, antes de qualquer interpretação ou análise conceitual. Portanto, os inícios são as vivências e percepções não mediadas, as “experiências puras” e livre de (pré) conceitos que constituem a base da investigação fenomenológica³.

Parece ser exatamente esse o anseio de Strauss em sua proposta de “retorno” a uma condição inicial da filosofia política, da qual poderia desenvolver uma compreensão da política por meio da experiência, livre das teorias, dos sistemas metafísicos e das engenharias sociais modernas. De certa maneira, isso explica a defesa dos clássicos não enquanto uma forma superior de política ou sociedade, mas sim, enquanto método de aproximação dos objetos de investigação. Em síntese, se a origem do político está na Grécia Antiga, e ainda assim, se se pretende diminuir o nível de anacronismo de qualquer análise feita desse passado para entender um pouco o “nosso tempo”, uma compreensão adequada do método antigo só é possível se é enfrentada com seriedade a compreensão dos termos tal como compreendidos pelos antigos (STRAUSS, 1988, p. 80).

Ainda no mesmo diálogo com Voegelin, em outra carta datada de 11 de outubro de 1943, novamente em resposta às críticas do colega, Strauss insiste na defesa do método fenomenológico de Husserl como meio mais adequado para a retomada da filosofia em seu sentido *noético*. Sobre isso, Strauss argumenta que, “o ponto decisivo em Husserl é a crítica da ciência moderna à luz da verdadeira ciência, isto é, a (ciência) platônico-aristotélica”. Afirmado isso, por fim, Strauss reitera, “sua obra (a obra de Husserl) só pode ser entendida à luz das enormes dificuldades em que a ciência platônico-aristotélica culminou (isto é), o problema do *noûs*”. Como se percebe, o problema do *noûs* reaparece a todo momento, enquanto condição de possibilidade de se retomar a forma de compreensão científica

³ Husserl estava interessado em explorar esses inícios como uma maneira de alcançar uma compreensão mais profunda da consciência e da realidade objetiva. Ele acreditava que ao descrever minuciosamente essas experiências iniciais, era possível acessar a essência das coisas e compreender a estrutura subjacente da consciência.

primordial, isto é, antes de sua ruptura ou divisão em relação à filosofia. Diante disso, o que parece ser pretendido por Strauss é o conhecimento tal como posto pelo pensamento clássico, enquanto um tipo específico de epistemologia que pretende tornar possível a compreensão das questões fundamentais com base no que as coisas são (Ibidem, p. 84), para além dos contextos e das contingências características da mera historicidade.

Além dessas afirmações encontradas em cartas, há também um importante ensaio escrito por Strauss para uma conferência intitulada, *The Living Issues of German Post-War Philosophy*, ministrada em 1940 na *Syracuse University* em Nova York, onde o impacto da crítica de Husserl em relação aos desdobramentos da ciência moderna sobre o pensamento de Strauss se mostra de forma ainda mais clara. Na condição de exilado na América, em pleno avanço nazista pela Europa, Strauss fala aos estudantes norte americanos sobre a “glória e a miséria da filosofia alemã”, nessa ocasião ele afirma:

No que diz respeito ao trabalho de Husserl, só posso dizer que acredito que supera em significado tudo o que conheço, que foi feito na Alemanha nos últimos 50 anos. Uma análise como a da transformação da geometria subjacente à física de Galileu, tal como a encontramos numa das suas últimas publicações, é o modelo para qualquer análise relativa aos pressupostos básicos da ciência e da filosofia modernas (STRAUSS, *In*. MEIER, 2006, p. 137)⁴.

Esse comentário de Strauss acerca da crítica de Husserl à ciência estruturada na física de Galileu presente no *Die Krisis*, nos mostra que Strauss desvia propositalmente essa crítica à ciência moderna para o campo da ética e da política. Essa conversão mostra que tanto para Strauss quanto para Husserl, o liberalismo moderno é compreendido como um tipo de filosofia política que promove o individualismo. Sabido que Husserl, assim como muitos de seus contemporâneos enxergavam em Hobbes, o berço do egoísmo estimulado nas sociedades modernas, é possível observar que, o envolvimento de Husserl com Hobbes seguia a mesma intuição crítica em relação à física de Galileu (Cf. HUSSERL, 2008, p. 242). Provavelmente, Strauss foi influenciado por essa crítica, e viu nela uma alternativa de aplicá-la ao fenômeno do político. Nesse sentido, é possível dizer que para Strauss, o que a física de Galileu representa para as modernas ciências da natureza, Hobbes representa para a compreensão do político, a saber, um entendimento científico da natureza humana. Assim,

⁴ (No original) “As regards Husserl's work, I can only say that I believe that it surpasses in significance everything I know of, which was done in Germany in the last 50 years. Such an analysis as that of the transformation of geometry underlying Galileo's physics, as we find it in one of his latest publications, is the model for any analysis concerning the basic assumptions of modern science and philosophy”.

essa passagem de Strauss nos conduz a perceber que ele estava atento à crítica de Husserl à ciência moderna, o que torna razoável dizer que, se Husserl pensou uma teoria da ética fundada numa sociabilidade baseada na renovação dos valores filosóficos e científicos do Ocidente, Strauss, diante deste *insight*, pensou a renovação do modo de vida filosófico por meio da retomada da pergunta sobre o ser, possível por meio da pergunta sobre o ser das coisas políticas.

A análise desses trechos e das afirmações de Strauss nos serve de pista para compreender melhor esse tema, visto que não há nenhuma obra do autor dedicada à abordagem do resgate da filosofia política ou da filosofia no sentido geral pela via fenomenológica, Strauss também não desenvolveu um livro de interpretação do pensamento de Husserl. Por isso, as pistas trazidas por essas cartas e conferências são importantes, pois mostram que o *insight* de Husserl inquietou Strauss desde muito cedo. Ele mesmo no fim de sua de vida afirmou que, “quando era ainda quase um garoto” ouviu do próprio Husserl: “a escola neokantiana começa pelo telhado, eu começo pelo piso”. Isso parece ter evocado uma série de questões na cabeça do ainda muito jovem Strauss. Décadas mais tarde ele expressou sua compreensão de como isso poderia servir à filosofia política no ensaio *Philosophy as a Rigorous Science and Political Philosophy* de 1971⁵. Além disso, a partir da comparação entre os textos de Strauss e as abordagens dos problemas desenvolvidos por Husserl, é possível perceber que, pelo menos três de seus trabalhos mais importantes causaram grande impacto no pensamento de Strauss⁶, são eles, *Philosophie als strenge Wissenschaft*, (Filosofia como ciência de Rigor), *Die Krisis des europäischen Menschentums und die Philosophie* (A crise da humanidade europeia e a filosofia) oriundo da palestra de 1935 em Viena, e por fim, os textos que dão origem ao *Die Krisis der europäischen Wissenschaften* (A crise das ciências Europeias), já citado aqui.

⁵ Publicado pela primeira vez em: Interpretation: A Journal of Political Philosophy 2, no. 1 (1971). Foi publicado novamente em: (STRAUSS, 1983, pp. 29-37).

⁶ A constatação de que Strauss acessou vários textos de Husserl, e que o *Die Krisis* causou grande impacto e o influenciou em suas análises críticas em relação à ciência social e política contemporânea, mostra que o professor Lefort se equivocou ao dizer que “Strauss não fez justiça a Husserl”. Em seu ótimo texto de interpretação da crítica de Strauss à modernidade, Lefort lança uma afirmação bastante *en passant*, mas muito categórica de que Strauss teria negligenciado Husserl, em especial o *Die Krisis*. Provavelmente Lefort não teve acesso às cartas, além disso, talvez não tenha lido alguns textos provenientes de conferências e cursos de Strauss, ficando preso apenas ao seu ensaio publicado em seu último livro *Studies on platonic political philosophy* (Cf. LEFORT, 1999, p. 280).

Acerca disso, vale destacar que, a influência desses textos aparece de maneira diferente na obra de Strauss, curiosamente, o último trabalho de Husserl parece ter causado impacto mais cedo, como se percebe já nas cartas da década de 1940, ademais, a segunda parte do *Die Krisis* onde a “doutrina essencial do mundo da vida” aparece de maneira mais clara, exerce influência direta nos textos da década de 1950, quando Strauss acentua sua crítica às ciências sociais. De fato, o *insight* de Husserl⁷ parece ter confirmado as intuições desenvolvidas por Strauss desde o período das palestras Walgreen que originaram a publicação do *Natural Right and History* em 1953. Apenas na fase mais madura de Strauss, Husserl reaparece, textos como *What is political Philosophy?*, *The Three Waves of Modernity* e *Progress or Return?* parecem ter bastante influência do texto oriundo da conferência *Crise da Humanidade Europeia*, e por último, Strauss escreve e publica um texto enigmático sobre o chamado de Husserl à tarefa da construção de uma filosofia enquanto uma ciência rigorosa, em *Philosophy as Rigorous Science and Political Philosophy*, citado no parágrafo anterior, o que revela que em seus últimos anos de vida a proposta do “recomeço” de Husserl ecoava em seus pensamentos.

De fato, isso nos mostra que essa retomada pela via fenomenológica acompanhou Strauss durante toda sua vida intelectual, desde sua juventude na Alemanha até seus últimos anos de vida na América. Para Strauss, a filosofia política é o meio termo entre a filosofia e o senso comum, isto é, a filosofia política não é filosofia pura e simplesmente, visto que seu objeto de investigação é o fenômeno do político, ele não é achado nos livros por meio de conceitos e axiomas, mas apenas na ação. É na *práxis* humana presente no mundo pré-dado que se percebe o político enquanto fenômeno (STRAUSS, 1988, p. 16). Sendo assim, se a filosofia política não é filosofia pura e simplesmente, também não é senso comum, ela é a tentativa de extrair do fenômeno do político (que se apresenta) um tipo de conhecimento *eidético*, que pode ser transformado por meio da razão em sabedoria política (*episteme*), um tipo de conhecimento que embora seja fruto de um tempo e lugar, necessariamente extrapola a mera temporalidade. Nesse sentido, está na filosofia política exatamente uma relação dialética entre o relativo (temporal) e o universal (problemas permanentes).

⁷ A retomada do mundo da vida não se deu apenas pela análise genética, mas principalmente pela análise generativa. (Ver na introdução da *Der Krisis* quando Husserl diz como vai analisar a história “fenomenologia generativa”. Por aqui abre-se uma via de mostrar como o relativo e o universal estão correlacionados.

Percebe-se que para Strauss, a condição do filósofo político é a mesma do fenomenólogo. A minha interpretação é a de que o retorno de Strauss à filosofia política clássica perpassa pela possibilidade de uma filosofia política fenomenológica. Constatado que a “ciência política clássica” não pode mais se realizar historicamente, o método fenomenológico elaborado por Husserl é a alternativa possível ao “nosso tempo” para um recomeço da filosofia política genuína que é a-científica e a-histórica. Nesse aspecto, eu corroboro com as pesquisas recentes desenvolvidas por Pierpaolo Ciccarelli, para o comentador italiano, “uma contribuição fundamental para o amadurecimento do conceito-chave do pensamento de Strauss, a filosofia política, foi dada por Husserl” (CICCARELLI, 2018, p. 11). Concordo também com a interpretação de Corine Peluchon, para ela, a filosofia política de Strauss é a própria “realização da fenomenologia”. Na visão da intérprete francesa, “Strauss apresenta grande preocupação com a realização daquilo que a fenomenologia aspira, uma vez compreendidas plenamente as suas implicações” (PELLUCHON, 2014, p. 212). Assim, sigo a mesma intuição de Rodrigo Chacón (2019, pp. 93-114)⁸, de acordo com a sua análise, a fenomenologia é um tema central para uma compreensão adequada do pensamento de Strauss, portanto, qualquer abordagem ou tentativa de compreensão de sua filosofia política que desconsidere sua relação com a fenomenologia de Husserl, corre o risco de cometer grandes equívocos interpretativos. Por fim, ainda nessa mesma direção, num trabalho super recente de introdução ao pensamento de Strauss, Neil Robertson afirma que, “assim como Heidegger, Strauss viu na reformulação da filosofia de Husserl a partir de uma ‘compreensão natural’ uma maneira de começar a filosofia que poderia escapar das fontes do niilismo identificadas por Nietzsche e outros” (ROBERTSON, 2021, p. 25). Como se percebe, não são poucas as pesquisas atuais que colocam a fenomenologia como um aspecto decisivo para a interpretação da obra de Strauss⁹.

3 A fenomenologia às margens do oceano da política

⁸ Ver também do mesmo autor: (CHACÓN, 2015, pp. 2-16).

⁹ De acordo com Michael Zuckert, um dos principais intérpretes do pensamento de Strauss, “é crescente o interesse na relação de Strauss com os círculos de Edmund Husserl e Heidegger, dos quais surgiram tantos outros eminentes pensadores alemães da sua geração” (ZUCKERT, *In*. COLEN; MINKOV, S. 2018, p. VII). Ver também sobre isso: (ALTINI, 2022).

É fato que não se encontra no pensamento de Husserl nenhuma teoria das instituições políticas. Até onde se sabe, Husserl não desenvolveu nenhuma análise do fenômeno do político. A sua filosofia parece não possuir essas pretensões, o que fez de sua fenomenologia um modo de pensar apolítico. Além disso, os textos de Husserl quase não oferecem elementos consistentes para a elaboração de uma filosofia política (SOKOLOWSKI, 2004, p. 15) e isso parecia intencional, visto que o próprio Husserl buscou se afastar dessas preocupações. Isso pode ser percebido numa carta de 1933 endereçada a Felix Kaufmann, nela Husserl afirmou sua necessidade de estar afastado dos eventos políticos, ou de qualquer preocupação política, relata, nessa ocasião ter tido “um ótimo período de trabalho graças a esse afastamento”, o que chamou de “isolamento fenomenológico” (*phänomenologischer Einklammerung*)¹⁰. No entanto, embora não haja uma filosofia política em Husserl, também é verdade que não há uma negação de que o método fenomenológico possa ser usado para análise do político, ou que a política não pudesse ser interpretada à luz da fenomenologia¹¹. Husserl ao lançar a problemática específica da fenomenologia e seu objeto fundamental afirma que, “o que quer que possa ser *eideticamente* apreendido nos vividos reduzidos em intuição pura – quer como componente real, quer como correlato intencional – será próprio a ela, e tal como é para ela uma grande fonte de conhecimentos absolutos” (HUSSERL, 2006, p. 161). Ao dizer isso sobre a fenomenologia, é possível perceber que a reflexão acerca do político, assim como sobre qualquer fenômeno do mundo vivido, como a religião, a sociedade, o indivíduo e os valores é sim, um produto da abordagem fenomenológica legitimado por seu próprio fundador.

Ainda nesse mesmo sentido, também nas palavras de Husserl, “há uma fenomenologia do ser humano, de sua personalidade, de suas características pessoais e de

¹⁰ O que Husserl chamou de isolamento ou confinamento fenomenológico se refere ao ato de focar exclusivamente na análise fenomenológica, isolando outras considerações ou influências, como acontecimentos políticos ou sociais, para se concentrar apenas na análise das experiências e percepções. Provavelmente Husserl se referia aos eventos ocasionados pela revolução hitlerista que convulsionou a Alemanha em 1933 (HUSSERL, 1993, p. 197).

¹¹ Sobre isso, Foucault, em suas palestras ministradas sobre o nascimento da biopolítica em curso dado no Collège de France, traz uma compreensão interessante sobre uma possível influência política da filosofia de Husserl. Na aula de 7 de fevereiro de 1979, Foucault afirma que a fenomenologia de Husserl forneceu um dos principais elementos intelectuais para a formação do ordoliberalismo. Originado no período entre guerras, o ordoliberalismo influenciou diretamente alguns economistas alemães que tomaram posto na política da Alemanha no período de reconstrução do país após a Segunda Guerra Mundial, como Walter Eucken e Ludwig Erhard. De acordo com Foucault, o ordoliberalismo de Eucken possuía uma visão muito mais positiva do Estado, sobretudo, por sua inspiração mais idealista. Ver sobre isso: (FOUCAULT, 2008, p. 141-142).

seu curso (humano) de consciência; há, além disso, uma fenomenologia do espírito social, das configurações sociais, das formas de civilização, etc” (Ibidem, p. 166). Portanto, uma investigação do fenômeno do político, ou uma filosofia política fenomenológica é algo que se legitima em si. Ademais, a constatação de que Husserl não desenvolveu uma reflexão rigorosa sobre o político não resulta em dizer que Husserl não possuía preocupação política, na verdade, os problemas pensados por Husserl, como a questão dos caminhos da ciência moderna enquanto problema central possui relação direta com o fenômeno do político.

Nesse sentido, a afirmação contundente feita por Husserl de que, “as nações europeias estão doentes; a própria Europa, dizem, está em crise. Não faltam curandeiros. Estamos submersos num verdadeiro dilúvio de propostas ingênuas e exaltadas de reforma” (HUSSERL, 1996, p. 60), mostra uma profunda preocupação política. Isso indica que para Husserl, a política se revela como um fenômeno muito mais complexo e abrangente. Assim, ao invés de uma crise institucional ou político-econômica, maneira a qual costumam ser analisados esses eventos pelos historiadores modernos, Husserl viu essa crise como uma crise da cultura que gera uma crise política e, em última instância, resulta numa crise civilizacional¹². Na visão de Husserl, essa crise dizia respeito às normas e valores mais profundos da cultura europeia e seus influenciados.

Nas décadas de 1920 e 1930, o problema da cultura e “a crise da Europa” se tornou um ponto central da reflexão de Husserl. É possível perceber isso quando é observado o longo período entre a produção dos artigos escritos para a Revista japonesa *Kaizo* publicados em 1923 e 1924, a retomada e até complementação do mesmo tema na conferência dada a convite da *Kuturband* em Viena em 1935, publicada com o título de “A crise da humanidade europeia e a Filosofia”. De fato, há uma linearidade entre esses textos que parece culminar naquela obra que é considerada seu testamento final, dedicada à abordagem da “crise das ciências”. Assim, o diagnóstico da crise e o chamado à renovação parecem ter norteado seus esforços nas últimas décadas de sua vida. Esse período da reflexão Husserliana causou grande impacto no jovem Strauss, tendo repercutido em sua fase mais madura.

¹² Embora Husserl não tenha desenvolvido uma obra sobre política, é possível encontrar comentários interessantes sobre autores fundamentais da política, como na ocasião de que ele afirma que Hobbes teria diminuído a complexidade das paixões humanas a uma única paixão, a do medo da morte violenta. Assim, colocou sobre o humano uma, “roupagem empírica uma matemática da sociabilidade e, portanto, uma sociabilidade de puros egoístas” (HUSSERL, 2004, p. 59). Ler sobre isso: (MIETTINEN, 2023, pp. 443–460).

Embora não haja no pensamento de Husserl uma abertura para a filosofia política¹³, dada a difícil relação inicial entre fenomenologia e política, aspecto sinalizado também por Strauss (STRAUSS, 1988, p. 17), é inevitável observar que, não obstante a problematização da ciência já estivesse presente em seus estudos desde a fundação da fenomenologia, a percepção de Husserl em relação à crise e suas reflexões sobre a cultura coincidem com os acirramentos políticos e ideológicos mais críticos de sua época. De fato, a Primeira Guerra Mundial, além de se revelar um acontecimento catastrófico do ponto de vista político nacional e europeu, pelo lado pessoal foi ainda mais desolador para Husserl, tendo perdido um filho em combate e o amigo e discípulo mais próximo, Adolf Reinach. Assim, embora Husserl tenha tentado manter o método fenomenológico afastado da política¹⁴, a fim de desenvolver uma ciência pura, de maneira inescapável ele foi engolido pelos eventos políticos de seu tempo, visto que alguns anos depois ainda na escuridão dos fatos, a ascensão do Nacional Socialismo Alemão o fez perder a cátedra de professor emérito, tornou-se *persona non grata* na Alemanha, proibido de falar em qualquer universidade em território sob o domínio nazista por sua descendência judaica.

Diante disso, ficou claro para Husserl, que a experiência da Primeira Grande Guerra e os acirramentos ideológicos daquele período obscureceram o espírito, o que conduziu à perda do sentido não apenas da cultura europeia, mas da própria ideia de humanidade (HUSSERL, 2014, p. 3). Husserl compreendeu a crise da cultura como o abandono da crença na elevação do espírito humano, isto é, a consolidação de “uma sofística política” que encobre motivações egoístas e as travestem de ideais coletivos, as ideologias. Para Husserl, apenas a “ciência estrita” pode promover “uma reforma racional da cultura” (Ibidem, p. 6 - 7). Nesse sentido, ele aponta para a ausência de uma ciência social que cumpra esse papel. Não se sabe se Strauss teve acesso aos opúsculos escritos por Husserl para a revista *Kaizo*, mas sua visão da necessidade de uma ciência social humanista vai na mesma direção da proposta de Husserl. Além disso, assim como Strauss, Husserl enxerga no método de

¹³ Sobre isso consultar: (COOPER, 1981). Ver também: (THOMPSON; EMBREE, 2000) e (BEDORF; HERRMANN, 2020).

¹⁴ O estudo desenvolvido por Karl Schumann (2009) em seu “*Husserl Staatsphilosophie*” é uma tentativa de superar esse vazio. Ao elaborar uma “filosofia do estado” de Husserl, Schumann assumiu as grandes limitações desse empreendimento e relacionou a suposta ideia de Estado de Husserl com muitas teses centrais de seu pensamento (p. 12-13). Diante disso Schumann mostra que, se por um lado Husserl evitou pensar a política ao ponto de escrever algo mais claro sobre esse tema, por outro lado, o próprio Husserl deixou claro que todos os problemas humanos devem ser compreendidos (p. 34).

investigação platônico-aristotélico a forma mais adequada para o recomeço (Ibidem, p. 15). Isso pode ser percebido nos escritos e conferências da década de 1930, Husserl desenvolve nessa época uma visada que aponta para um trabalho filosófico mais abrangente que busca a “restituição da teoria platônica do estado” (HUSSERL, 1973). Husserl por meio disto pensaria qual a política correta, não apenas no campo da reflexão abstrata, mas no campo prático, não só no que se refere às instituições de governo, mas também no que concerne ao modo de ser correto dos indivíduos e das comunidades.

Como já foi dito aqui, Husserl definiu seu método fenomenológico de recuperação da filosofia enquanto “ciência rigorosa” como “completamente apolítico”. Porém, como se sabe, seus principais influenciados não se contentaram com isso, e fizeram de seu *insight* fundamental uma abertura para a reflexões políticas e até engajamento político. Não são poucos aqueles que a partir de Husserl desenvolveram filosofias políticas, figuras proeminentes como Edith Stein, Alfred Schutz, Merleau-Ponty, Michel Foucault e Jürgen Habermas, apenas para citar alguns dos mais célebres, são devedores da proposta de Husserl. De fato, esses filósofos, cada um à sua maneira, captaram um caminho de abordagem do político pela via da fenomenologia. O que Leo Strauss parece fazer de maneira diferente desses autores, é que ele parece concordar com Husserl mais do que qualquer outro influenciado, nas alternativas de superação da crise. A proposta de recomeço por meio da crítica das ciências, enquanto forma de superar o niilismo, e assim, a crise da humanidade é a missão a qual Strauss “está engajado”, ele parece realmente ser aquele que, silenciosamente se coloca na posição de dar continuidade ao *insight* fundamental de Husserl. Porém, Strauss como “um clássico que vive nos tempos modernos”, ele não vê diferença entre ciência, filosofia e política, para ele, essas coisas estão necessariamente entrelaçadas.

4 “A doutrina essencial do mundo da vida” e o reavivamento da filosofia política

Há no pensamento de Strauss uma supervalorização da realidade empírica dos eventos e dos ensinamentos que eles trazem consigo, ele enxerga isso nos antigos, a necessidade da filosofia política, mais do que qualquer outra área da filosofia, de lidar com a realidade tal como ela é. No entanto, nesse sentido, vale dizer que em relação à fenomenologia de Husserl, Strauss não parece estar interessado na fenomenologia empírica desenvolvida pelos sociólogos, Strauss parece aderir a um tipo de fenomenologia *eidética*,

no sentido de uma busca das essências mesmas dos fenômenos por meio do mundo vivido, o que aproxima sua filosofia política da “doutrina essencial do mundo da vida” elaborada por Husserl.

O conceito de “mundo da vida” (*Lebenswelt*) desenvolvido por Husserl, aparece de maneira implícita em seus textos desde muito cedo, como crítica ao positivismo na tentativa de chamar atenção para o fato de que, todo conhecimento deve partir da imanência do mundo (HUSSERL, 1989, p. 22-23)¹⁵. No entanto, não se observa ainda nesse momento um tratamento adequado a esse conceito de forma direta e aprofundada. Embora já seja dito por Husserl de maneira clara que a imanência deve ser o ponto de partida de todo conhecimento, enquanto uma crítica epistemológica ao psicologismo e ao tecnicismo das ciências naturais (Cf. *Ibidem*, p, 56-57), é apenas na sua última fase em suas *Meditações Cartesianas* de 1929 que o termo aparece, porém ainda de forma muito vaga. A partir de seu esforço argumentativo para desenvolver uma compreensão fenomenológica de mundo, Husserl usa o termo *Weltphänomen* (fenômeno-mundo). Posteriormente, ainda pelo mesmo caminho, Husserl (2019) usará outros termos como *Weltlichkeit* (mundanidade), *Umwelt* (mundo circundante) e finalmente *Lebesunwelt* (ambiente da vida). Vale dizer que o uso desses termos não pretendia nesse momento desenvolver o que viria a ser de fato a compreensão do mundo no sentido que será abordado aqui, mas sim no contexto da apropriação crítica do *cogito* cartesiano, isto é, pretendia estabelecer a relação de estranheza entre o “eu” e o mundo.

Sendo assim, é nos últimos anos de sua vida que Husserl dá um tratamento pormenorizado a esse tema, mais precisamente na terceira parte do *Die Krisis*, além desse texto fundamental, Husserl desenvolve uma explicação ainda mais profunda de qual o papel do “mundo da vida” para sua fenomenologia sob o título de *Die Lebenswelt: Auslegungen der vorgegebenen Welt und ihrer Konstitution (O mundo da vida: interpretações do mundo dado e sua constituição)*. Não pretendo aqui propor uma enésima interpretação do conceito de mundo da vida pensado por Husserl, mas sim fazer uma apresentação para mostrar de que modo esse conceito é essencial na proposta de uma fenomenologia do político, visto que o valor e a riqueza da fenomenologia para Strauss consistem justamente na nova proposta metodológica por ela introduzida, independentemente dos conteúdos doutrinários

¹⁵ Ver também o que é dito em: (HUSSERL, 2006, p. 168).

que eventualmente dela resultam. De fato, o uso dessa nova abordagem na crítica da modernidade de Strauss, sobretudo, na crítica direcionada à ciência social de sua época, torna possível o “retorno” a um tipo de ciência política que tem o fenômeno da experiência vivida como objeto central de sua investigação.

A concepção de mundo da vida e seu lugar na fenomenologia de Husserl parte da constatação de que o mundo é uma evidência indubitável. E que toda ciência, seja ela objetiva ou subjetiva parte de um conhecimento pré-dado ou pré-científico, captado pelo senso comum e formador da opinião simples sobre todas as coisas, mas a ciência ou filosofia não se satisfaz com esse tipo de dado e busca as essências das coisas, mas essa busca ainda está enraizada no mundo pré-dado. Deste modo, como explica Husserl, o conhecimento comum (praxiológico) não é muito diferente do conhecimento científico, no entanto, a ciência “se propõe a converter um saber pré-científico, incompleto na sua extensão e estabilidade, num saber completo” (HUSSERL, 2008, p. 125). Assim, Husserl afirma que a tarefa da ciência é a de substituir *doxa* por *episteme*, mas que ambos são fruto do mesmo estofo, isto é, o mundo pré-dado, o que diferencia *theoria* e *práxis* é que a primeira demanda uma busca sistemática por algo de essencial que é infinito, enquanto a segunda é limitada pela realidade de tempo e espaço.

Nesse sentido, a concepção de Strauss em relação à filosofia política está alinhada com a compreensão de Husserl da ciência. De fato, para Strauss a filosofia política é um ramo da filosofia interessado nas coisas políticas (STRAUSS, 1988, p. 10) enquanto fenômenos, é o braço da filosofia mais próximo da vida mesma e das opiniões do mundo comum. Porém, isso não implica dizer que a filosofia política é o mesmo que opinião política, pois, sua tarefa é justamente transformar a opinião política baseada nos pré-conceitos do senso comum em conhecimento das coisas políticas baseado na razão (STRAUSS, 1988, p. 11-12). Sendo assim, a filosofia política não é apenas filosofia, pois não pode ser meramente teórica, também não é opinião, pois assim, se tornaria “visão de mundo” ou ideologia. Portanto, a filosofia política é um estudo sistemático do fenômeno do político que possui um *eidos* próprio, sempre escapável da simples teorização, na visão de Strauss, há de fato um abismo entre filosofia política e ação política (STRAUSS, 2007, p. 518), pois a visão do filósofo político quase sempre é incompatível com a visão do cidadão ou do estadista, o que configura tipos diferentes de racionalidade (STRAUSS, 1992, p. 23).

As concordâncias entre Strauss e Husserl com relação a compreensão do que é a filosofia e a ciência são nítidas. De fato, Husserl nos alerta que a ciência objetiva não tem como se livrar do mundo pré-científico, isto é, o senso comum baseado no mundo pré-dado das evidências, porque este é o único mundo que existe, e é o solo de onde sai a matéria prima para todo o conhecimento científico. Sobre isso, Husserl adverte que: “nenhuma ciência objetiva, nenhuma psicologia que tenha, entretanto, pretendido ser ciência universal do subjetivo, nenhuma filosofia tornou alguma vez temático este domínio do subjetivo ou tão-pouco o descobriu efetivamente” (HUSSERL, 2008, p. 126). Podemos direcionar exatamente essa crítica às ciências sociais e à filosofia política contemporânea concebidas como teoria política.

Sobre isso, Strauss argumenta que, “as ciências, ambas natural e política, são francamente não-filosóficas. Elas precisam de filosofia de um tipo: metodologia ou lógica. Mas essas disciplinas filosóficas obviamente não têm nada em comum com a filosofia política” (STRAUSS, 1988, p. 14). Deste modo, Strauss apresenta uma profunda incompatibilidade entre ciência política e filosofia política, isso acontece, pois, a filosofia política busca a compreensão da natureza mesma das coisas políticas, e ao proceder assim, ela pretende se converter em sabedoria política, totalmente distante da pretensão de exatidão das ciências objetivas. Portanto, a proposta straussiana de um retorno aos elementos da filosofia política clássica não possui a pretensão de um retorno às estruturas sociais da *polis* grega, mas sim a retomada de um tipo de postura dedicada à compreensão dos problemas por meio de uma investigação interna ao fenômeno mesmo do político inseparável da vida humana (STRAUSS, 1988, p. 16). Em outras palavras, para Strauss, o que torna o método de investigação da filosofia política clássica mais adequado é que a filosofia política antiga se constitui a partir de um contato estreito, permanente e eminentemente prático com um tipo especial de realidade, a saber, a realidade da *polis* ou da sociedade política, elemento primevo no qual as “coisas políticas” se apresentavam diretamente e em todo o seu “frescor” aos filósofos antigos, sem o filtro de modelos teóricos prévios ou de uma tradição intelectual já estabelecida. É nesse sentido que Strauss afirma em *What is Political Philosophy?* (1988, p. 27-28), que os filósofos antigos observavam a vida política não como espectadores ou meros teóricos, mas como “cidadãos ou estadistas ilustrados” (STRAUSS, 2007, p. 522).

Diante disso, a “doutrina essencial do mundo da vida” de Husserl, é vista por Strauss como o ataque mais preciso e mais direto ao cientificismo moderno, o qual a filosofia no contexto da modernidade havia sido seduzida, e assim, a filosofia política teria se tornado obsoleta, visto que é dependente da realidade dada para extrair aquilo que podemos chamar de “sabedoria das coisas políticas”. De fato, uma filosofia que abandona a vida mesma para atender as demandas da cientificidade moderna se transforma em mera abstração. Assim, Strauss vê no retorno ao mundo da vida que:

Husserl percebeu mais profundamente do que qualquer outra pessoa que a compreensão científica do mundo, longe de ser a perfeição de nossa compreensão natural, é derivada desta última de maneira a nos fazer esquecer os próprios fundamentos da compreensão científica: toda compreensão filosófica deve partir de nossa compreensão comum do mundo, de nossa compreensão do mundo como é sensivelmente percebido antes de toda teorização (1983, p. 31)¹⁶.

Isso nos conduz a perceber que, de fato, Strauss aceita a visão de Husserl em relação à ciência moderna, de que ela ao abandonar o senso comum, isto é, o seu solo fundamental, o mundo pré-dado, ela teria se tornado incapaz de obter um conhecimento consistente sobre os processos espirituais que dão sentido à subjetividade humana. Ou melhor, ao abandonar o “senso comum” enquanto uma atitude natural, a ciência moderna descartou as intuições originárias que se dão no mundo da vida. Assim, para Strauss a filosofia política contemporânea, ou o que veio a ser chamado de teoria política, se tornou um tipo de conhecimento abstrato e distante do mundo, ao rejeitar a filosofia política como a-científica por uma determinação do positivismo vigente, a ciência política se tornou uma análise externa e meramente teórica das situações políticas que saltam aos olhos (STRAUSS, 1988, p. 18). Sobre o desenvolvimento de uma crítica contundente ao positivismo, a partir da consideração do mundo da vida como lugar fundamental tanto da vida científica quanto da vida comum, Husserl parte da constatação de que “o mundo da vida é um domínio de evidências originárias”. Assim:

é certamente uma tarefa da maior importância para o acesso científico ao mundo da vida fazer valer o direito originário dessas evidências e, na verdade, a sua

¹⁶ (No original) “Husserl had realized more profoundly than anybody else that the scientific understanding of the world, far from being the perfection of our natural understanding, is derivative from the latter in such a way as to make us oblivious of the very foundations of the scientific understanding: all philosophic understanding must start from our common understanding of the world, from our understanding of the world as sensibly perceived prior to all theorizing”.

superior dignidade frente à das evidências objetivo-lógicas no que se refere à fundamentação do conhecimento (HUSSERL, 2008, p. 142).

Portanto, a dignidade superior do mundo pré-dado reivindicada por Husserl se dá pelo fato de que não há ciência sem o conhecimento pré-científico do mundo, e que a existência do conhecimento científico não é condição necessária para vida, pois a vida existiria sem a ciência, mas não há ciência sem a existência da vida (HUSSERL, 2008, p. 146). Há então uma relação de dependência entre as ciências objetivas e o mundo da vida, relação de dependência que foi ignorada pelo cientista moderno. Aspecto que aparece também em Strauss, em *Natural Right and History*, o autor afirma que se vivemos num mundo que é compreendido apenas pelo olhar da ciência, “vivemos uma abstração” (1971, p. 79).

5 A “fenomenologia do político” como alternativa para as ciências sociais

O papel do senso comum para a vida política está no centro do argumento de Strauss em favor da filosofia política clássica, na mesma medida que o senso comum está no centro da crítica de Husserl ao positivismo das ciências objetivas. A fim de distinguir “vida política” e “filosofia política”, Strauss nos lembra da antiga distinção entre opinião (*doxa*) e conhecimento (*episteme*) para mostrar que pensamento político também não é filosofia política como já foi mostrado aqui. Para tanto, no esforço de dar mais inteligibilidade ao seu argumento, Strauss afirma que “toda ação política almeja a conservação ou a mudança. Quando desejamos conservar, queremos evitar uma mudança para pior; quando desejamos mudar, queremos criar algo melhor” (STRAUSS, 1988, p. 10). Isto é, “toda ação política é guiada por alguma opinião sobre melhor e pior”, portanto, sempre que agimos politicamente, julgamos saber o que é melhor, a opinião, ou o pré-julgamento é a essência mesma da ação política e rege a vida política.

Diante disso, é possível concluir que a vida política é fruto da mera opinião regida pelo senso comum. Uma vez que o conhecimento não é algo imediatamente disponível para o intelecto, a opinião é necessariamente aquilo que antecede o conhecimento enquanto elemento por meio da qual o nosso pensamento elabora uma primeira articulação compreensiva do todo e das coisas que o compõem (STRAUSS, 1988, p. 10-11). Quando tal articulação compreensiva do todo e das coisas que o compõem recebe uma sanção da autoridade política, ela se torna “opinião autorizada” ou “dogma público” e, como “opinião

autorizada” ou “dogma público” estabiliza e ordena o funcionamento da vida social (STRAUSS, 1971, p. 11-12).

Aceiro que melhor ou pior está no campo da mera opinião, Strauss quer mostrar que a filosofia está em busca da compreensão do que é essencial, o fenômeno mesmo, a vida mesma, é só com a compreensão do senso comum e das opiniões políticas que é possível se extrair algo que esteja além da mera opinião, isto é, algo que se apresente como conhecimento das coisas políticas. É nesse sentido que, Strauss enxerga na experiência de pensamento proporcionada pela investigação antiga uma maneira possível de se buscar essas essências e transformar opinião política baseada no senso comum em sabedoria política baseada na razão. Isso nos ajuda a entender o porquê da reivindicação de Strauss da retomada da filosofia política clássica enquanto um tipo de racionalidade mais adequada em relação ao racionalismo moderno. Acerca disso, Strauss argumenta em uma carta de 17 de novembro de 1932, endereçada ao colega Gerhard Krüger:

Estou inclinado a assumir – até que haja evidência do contrário – que a antiguidade (mais precisamente: Sócrates-Platão) é o padrão [*massgeblich*] precisamente porque eles filosofaram naturalmente, isto é, originalmente investigaram a ordem que é natural para os seres humanos. O fato de esta possibilidade ter sido aberta na Grécia, e só aí, é indiferente, enquanto continuar a ser verdade que a pergunta e a resposta de Sócrates-Platão são a pergunta natural e a resposta natural: ao filosofar, Sócrates já não é mais um grego, mas sim um ser humano (STRAUSS, 2018, p. 39)¹⁷.

Dito isto, se torna claro que, o ponto seminal de seu retorno é que os antigos estavam imersos na vida política, mergulhados em sua complexidade e embaraços, sentiam na pele os perigos e as tensões das disputas, a cidade era seu laboratório. Seu local histórico (a *polis* grega em decadência) pouco importa, os aspectos do tempo são mero cenário de fundo, os gregos pensaram os problemas humanos de uma maneira que seu padrão pode ser aplicado a qualquer tempo e lugar onde houver seres humanos, justamente porque não partiram de uma análise teórica de acordo com conceitos e abstrações. É isso que para Strauss torna a filosofia política clássica um tipo superior, não se trata de julgar se estavam certos ou errados em sua maneira de conduzir a *polis*, se era uma sociedade melhor ou pior,

¹⁷ (No original) “I am inclined to assume—until there is evidence to the contrary—that antiquity (more precisely: Socrates-Plato) is the standard [*massgeblich*] precisely because it philosophized naturally, i.e. originally inquired into the order that is natural for human beings. The fact that this possibility was opened up in Greece and only there that is a matter of indifference as long as it remains the case that Socrates-Plato’s question and answer are the natural question and the natural answer: in philosophizing, Socrates is already no longer a Greek, but instead a human being”.

mas o método de aproximação do fenômeno mesmo do político é que interessa para Strauss¹⁸. Sobre isso, ele explica que, “a crença que o conhecimento científico, i.e., o tipo de conhecimento possuído ou aspirado pela ciência moderna, é a mais alta forma de conhecimento humano, implica na depreciação do conhecimento pré-científico” (STRAUSS, 1992, p. 23). Assim, a filosofia política entra em colapso, se torna totalmente obsoleta frente à ciência política em sua acepção moderna.

Nesse sentido, considero a influência da fenomenologia de Husserl para a crítica elaborada por Strauss em relação à ciência social e política de seu tempo uma questão central, aspecto que se desconsiderado ou obscurecido se perde de vista o núcleo mesmo de sua crítica da modernidade. Sobre essa influência, uma carta de Strauss ao colega Alfred Schutz comprova o impacto das ideias de Husserl sobre a crítica de Strauss, não só isso, mas revela que seu tratamento em relação ao tema da crítica da ciência social possui diretamente uma influência da abordagem fenomenológica de Husserl e sua proposta de crítica ao positivismo das ciências objetivas por meio da “doutrina do mundo da vida”.

Na citada carta, de 18 de julho 1958, Strauss relata “que ficou impressionado com a interpretação de Schutz sobre Husserl”, que lhe agrada bastante a proposta de uma sociologia de perspectiva fenomenológica, e que vai considerar essa leitura nos próximos estudos sobre Husserl. De maneira ainda mais direta, na mesma carta, Strauss afirma: “estamos em total acordo quanto à necessidade da fenomenologia da gênese da ciência social – uma fenomenologia que, embora não seja histórica quanto à intenção, não pode deixar de ser histórica na execução”¹⁹. Como em raros momentos, Strauss se coloca de maneira realmente favorável a uma abordagem metodológica, o que indica que a reabertura da querela entre antigos e modernos por meio da crítica à ciência social de seu tempo, possui uma saída pela via fenomenológica de Husserl.

Com isso, é possível analisar de forma mais segura, a relação de Strauss com o *insight* de Husserl, visto que o *Die Krisis* teve sua primeira edição completa publicada em 1954, Strauss publica seu artigo *Social Science and Humanism*²⁰ em 1956 e em 1958 fala ao colega

¹⁸ Ver o que é dito sobre a maneira de aproximação do fenômeno do político exercido pelos Clássicos em: STRAUSS, 1992, p. 21-22.

¹⁹ Cf. SCHUTZ, A. Alfred Schutz papers. Series III. Subject Files and Correspondence. Strauss, Leo. General Collection, Beinecke Rare Book and Manuscript Library.

²⁰ Numa carta de 11 de outubro de 1955 Strauss afirma que está escrevendo um texto sobre o problema fundamental da Ciência Social e tomou a liberdade de citar algumas sentenças sem citar o nome de Schutz, [Intuitio, Chapecó-SC, v. 17, n. 2, p. 1-29, jan.-dez. 2024 \(p. 20\)](#)

de sua concordância não só com Husserl, mas com a abordagem do próprio Schutz, que desenvolveu uma obra consistente sobre a proposta de uma ciência social pela via fenomenológica de Husserl²¹. Para analisar a influência dessa abordagem na crítica de Strauss, considero importante recorrer ao ensaio citado onde ele explica que:

A razão para a impossibilidade de reconstrução pode ser enunciada da seguinte forma: o todo como primariamente conhecido é um objeto de senso comum; mas é da essência do espírito científico, pelo menos como esse espírito se mostra nas ciências sociais, desconfiar do senso comum ou mesmo descartá-lo completamente. A compreensão do senso comum se expressa na linguagem comum; o cientista social científico cria ou fabrica uma terminologia científica especial. Assim, a ciência social científica adquire uma abstração específica. Não há nada de errado com a abstração, mas há muito de errado em abstrair do essencial. A ciência social, na medida em que é enfaticamente científica, abstrai elementos essenciais da realidade social (1989, p. 4)²².

Como se percebe, o ponto central da crítica de Strauss às ciências sociais é seu desprezo em relação ao senso comum, ademais, o tipo de linguagem desenvolvido pelo cientista social e político que se desconecta completamente do social e das coisas políticas. Sobre isso, ainda no mesmo ano alguns meses após a carta com Schutz, em 27 de outubro Strauss ministrou uma palestra enquanto parte de um curso dado na Universidade de Chicago sobre o “problema de Sócrates”, nessa ocasião ele afirma que:

Existe um abismo entre a compreensão que os cientistas políticos têm das coisas políticas e a dos cidadãos. Eles literalmente não falam a mesma língua. Quanto mais a ciência política se torna científica, mais claro se torna o fato de que a perspectiva do cidadão e a perspectiva do cientista político diferem. Torna-se, portanto, ainda mais necessário compreender a diferença de perspectiva e realizar a transição da perspectiva primária, a perspectiva do cidadão, para a perspectiva secundária ou derivada, a perspectiva do cientista político, não de forma dogmática e aleatória, mas de forma ordenada e responsável (1996, p. 132-133)²³.

visto que o ensaio que havia impressionado Strauss ainda não havia sido publicado na época. O que mostra já uma antiga afinidade conceitual entre os autores e a profunda simpatia de Strauss para com a ideia de uma ciência social de influência fenomenológica.

²¹ Ver: SCHUTZ, A. *On Phenomenology and Social Relations*, Chicago, University of Chicago Press, 1970.

²² (No original) “The reason for the impossibility of reconstruction can be stated as follows: the whole as primarily known is an object of common sense; but it is of the essence of the scientific spirit, at least as this spirit shows itself within the social sciences, to be distrustful of common sense or even to discard it altogether. The commonsense understanding expresses itself in common language; the scientific social scientist creates or fabricates a special scientific terminology. Thus scientific social science acquires a specific abstractness. There is nothing wrong with abstraction, but there is very much wrong with abstracting from essentials. Social science, to the extent to which it is emphatically scientific, abstracts from essential elements of social reality”.

²³ (No original) “...there is a gulf between the political scientist's and the citizen's understanding of political things. They literally do not speak the same language. The more political science becomes scientific, the clearer becomes the fact that the perspective of the citizen and the perspective of the political scientist differ. It therefore becomes all the more necessary to understand the difference of perspective and to perform the

No mesmo curso em seguida ele explica que, “o conhecimento científico das coisas políticas é precedido pelo que é vagamente chamado de conhecimento do senso comum das coisas políticas” (Ibidem, p. 134). Para Strauss, a perda desse norte fenomênico inviabiliza a análise adequada ou qualquer tentativa de compreensão do político, em outras palavras, abandonar o senso comum das coisas políticas sob o pretexto de que não são racionais é abrir mão da própria compreensão racional dos fenômenos que se apresentam no mundo dado. O caráter problemático desse tipo de ciência política já era analisado por Strauss nos anos que antecedem esse curso de 1958 e o ensaio de 1956, como em *Natural Right and History*, fruto das palestras Walgreen de 1949, publicado em 1953, e em *On Tyranny* de 1948. O tema fundamental da reabertura da querela entre os antigos e os modernos por meio da crítica da ciência social do século XX parece ter sido desenvolvido por Strauss durante boa parte da década de 1940.

Assim, o que se pode afirmar é que, o conceito de mundo da vida desenvolvido na terceira parte do *Die Krisis* de Husserl, ampliou de maneira significativa o horizonte da crítica de Strauss, apresentando talvez uma alternativa final de superação do problema. Problema este que se apresenta para Strauss como uma questão de postura, para ele, o cientista social abandona o mundo da vida por fidelidade a um tipo de cientificidade ingênua, capaz apenas de emitir linguagem lógica, mas incapaz de entender algo sobre a vida das sociedades ou sobre a vida mesma enquanto fenômeno social. Como prova de que Strauss não pretendia diminuir o valor da ciência social, nem substituí-la por nenhuma filosofia do passado, vale ver a passagem a seguir onde Strauss afirma que:

O cientista social é um estudante das sociedades humanas, das sociedades dos humanos. Se ele deseja ser leal à sua tarefa, nunca deve esquecer que está lidando com coisas humanas, com seres humanos. Ele deve refletir sobre o humano como humano. E deve prestar a devida atenção ao fato de que ele próprio é um ser humano e que a ciência social é sempre uma espécie de autoconhecimento (STRAUSS, 1989, p. 6)²⁴.

transition from the primary perspective, the perspective of the citizen, to the secondary or derivative perspective, the perspective of the political scientist, not dogmatically and haphazardly, but in an orderly and responsible fashion”.

²⁴ (No original) “The social scientist is a student of human societies, of societies of humans. If he wishes to be loyal to his task, he must never forget that he is dealing with human things, with human beings. He must reflect on the human as human. And he must pay due attention to the fact that he himself is a human being and that social science is always a kind of self-knowledge”.

De fato, ao advogar em favor de uma ciência social centrada no que é demasiado humano, Strauss declara que a ciência social positivista de seu tempo é incapaz de investigar adequadamente seu principal objeto. Dessa forma, Strauss nos convida a uma experiência de pensamento que supere o dogmatismo resultante do positivismo e do historicismo (STRAUSS, 1971, p. 22). Em *On Tyranny*, em sua crítica à ciência social moderna, Strauss argumenta que o desenvolvimento dessa ciência nos moldes do positivismo e do historicismo desemboca em um niilismo radical por sua incapacidade de julgar, isto é, sua incapacidade de pensar critérios de certo e errado, bem e mal, justo e injusto, Strauss afirma que a ciência social exclusivamente teórica “livre de valor” (ou de um valor específico que seja) está comprometida apenas com a compreensão científica dos fatos, o que a torna totalmente afastada de seu principal objeto de estudo, a saber o fenômeno da vida mesma do indivíduo em sociedade (Cf. *Ibidem*, p. 37-38). Sobre isso, Strauss é enfático quando explica que:

Uma ciência social que não pode falar de tirania com a mesma confiança com que a medicina fala, por exemplo, do câncer, não pode entender os fenômenos sociais como eles são. Portanto, não é científica. A ciência social atual encontra-se nessa condição. Se é verdade que a ciência social atual é o resultado inevitável da moderna ciência social e da filosofia moderna, somos forçados a pensar na restauração da ciência social clássica. Uma vez que aprendemos novamente com os clássicos o que é a tirania, seremos capacitados e obrigados a diagnosticar como tiranias uma série de regimes contemporâneos que aparecem sob o disfarce de ditaduras. Este diagnóstico só pode ser o primeiro passo em direção a uma análise exata da tirania dos dias atuais, pois a tirania de nossos dias é fundamentalmente diferente da tirania analisada pelos clássicos (2000, p. 177)²⁵.

Nessa passagem é possível observar algumas características que estão presentes na fenomenologia de Husserl: em primeiro lugar, a exigência do retorno às coisas mesmas enquanto fenômenos que só são passíveis de observação enquanto se mostram no mundo, nesse caso, a tirania. Na visão de Strauss, a ascensão dos totalitarismos no século XX apontava para a necessidade de se buscar entender novamente o sentido espiritual da tirania antiga enquanto fenômeno coetâneo da experiência política, como um problema que

²⁵ (No original) “A social science that cannot speak of tyranny with the same confidence with which medicine speaks, for example, of cancer, cannot understand social phenomena as what they are. It is therefore not scientific. Present-day social science finds itself in this condition. If it is true that present-day social science is the inevitable result of modern social science and of modern philosophy, one is forced to think of the restoration of classical social science. Once we have learned again from the classics what tyranny is, we shall be enabled and compelled to diagnose as tyrannies a number of contemporary regimes which appear in the guise of dictatorships. This diagnosis an only be the first step toward an exact analysis of present-day tyranny, for present-day tyranny is fundamentally different from the tyranny analyzed by the classics”.

precisa ser clarificado, como propõe Husserl em relação a todos os problemas (1989, p. 28). Em segundo lugar, a crítica direta ao tipo de ciência produzido na modernidade enquanto um estudo que analisa fenômenos de forma geométrica por seguir os pressupostos das ciências naturais, inevitavelmente positivistas.

Nesse sentido, aquilo de que Strauss se apropria aqui enquanto fenomenologia é o que Husserl caracterizou como “um método e uma atitude intelectual: a atitude intelectual especificamente filosófica, o método especificamente filosófico” (Ibidem, p. 44). É justificável que Strauss seja herdeiro dessa postura, pois, é evidente que não há possibilidade de nada do passado ser atualizado no campo da história, não se trata de uma atualização ou retorno às estruturas do passado, mas uma mudança de postura para o futuro, pois segundo Strauss, “a solução clássica fornece um padrão estável pelo qual julgar qualquer ordem real. A solução moderna eventualmente destrói a própria ideia de um padrão que é independente das situações reais” (2000, p. 210-211).

Sobre esse ponto, em *What is political Philosophy?* de 1959, Strauss novamente nos traz outra pista de sua influência fenomenológica direta, quando coloca o fenômeno da linguagem como tema central de sua tentativa de justificar o seu retorno aos aspectos metodológicos do pensamento antigo. Assim, ao se referir à forma que os filósofos clássicos lidavam com a multidão, Strauss afirma que:

Eles falam a língua dos cidadãos ou estadistas: eles dificilmente usam um único termo que não é familiar ao mercado. Por isso, sua filosofia política é abrangente; é tanto teoria política quanto habilidade política que é tão aberta aos aspectos legais e institucionais da vida política quanto àquilo que transcende o legal e institucional; é igualmente livre da estreiteza do advogado, da brutalidade do técnico, dos caprichos do visionário e da baixez dos oportunistas (1988, p. 28)²⁶.

Essa questão já havia sido colocada no ensaio citado aqui anteriormente, *Social Science and Humanism* e aparece novamente em *The City and Man*, onde Strauss explica sobre os riscos da filosofia política diante da urgência da vida política efetiva e da necessidade do filósofo político coexistir com a política em busca de uma compreensão *noética* do fenômeno do político, uma vez constatada a divergência existente entre filosofia

²⁶ (No original) “They speak the language of the citizens or statesmen: they hardly use a single term is not familiar to the market place. Hence their political philosophy is comprehensive; it is both political theory and political skill it is as open minded to the legal and institutional aspects of political life as it is to that which transcends the legal and institutional; it is equally free from narrowness of the lawyer, the brutality of the technician, the vagaries of the visionary, and the baseness of the opportunists”. Ver também sobre isso: (STRAUSS, 1989, p. 8).

política e a política (STRAUSS, 1992, p. 18-19). Nesse sentido, ao caracterizar desta forma a atividade dos filósofos clássicos, como uma atividade imersa nos assuntos políticos, Strauss reconsidera os princípios fenomenológicos da filosofia política antiga. Esse é o tema central do ensaio *An Epilogue* de 1963, onde Strauss enfatiza por diversas vezes o problema da linguagem e o afastamento da nova ciência política em relação ao seu principal objeto de investigação.

Acerca disso, Strauss explica que, “a ruptura com o entendimento do senso comum das coisas políticas conduz a nova ciência política a abandonar o critério de relevância que é inerente ao entendimento político” (1988, p. 142-143). De fato, Strauss chama atenção no mesmo texto para a constatação de que, o argumento da nova ciência política para negar a importância do senso comum, por ser um tipo de linguagem pré-científica e vaga, caracterizada pelas contradições afetivas dos indivíduos em suas vidas cotidianas, torna a própria ciência política vazia. No entanto, para Strauss, é exatamente pelo alto grau de complexidade do fenômeno do político que sua investigação demanda “uma longa experiência com as coisas políticas em uma grande variedade de circunstâncias” (1988, p. 146). Essa preocupação de Strauss em recuperar um tipo de investigação das coisas políticas que reconsidere a linguagem do senso comum e suas complexidades enquanto um tipo de conhecimento pré-científico fundamental ao filósofo político autêntico, revela sua influência e concordância com a “doutrina do mundo da vida” presente na fenomenologia de Husserl.

Strauss explica que, “a filosofia política clássica tentou alcançar a sua meta aceitando as distinções básicas feitas na vida política, exatamente no sentido e com a orientação em que elas eram feitas na vida política, pensando-as até o fim, compreendendo-as até o mais perfeitamente possível” (1988, p. 79-80). De fato, na contramão do pensamento moderno, os clássicos estavam mais comprometidos com as questões fundamentais, por acreditarem que há problemas permanentes enquanto fenômenos incontornáveis que perseguem a existência humana²⁷. Sobre esse aspecto, afirma Strauss:

As questões primárias da filosofia política clássica, e os termos nos quais ela as postulou, não eram especificamente filosóficas ou científicas; eram questões levantadas em assembleias, conselhos, clubes e gabinetes, e elas foram postuladas em termos inteligíveis e familiares, pelo menos para todos os adultos sãos, a partir

²⁷ Aspecto do pensamento antigo que parece estar presente também na doutrina do mundo da vida de Husserl, para ele a ciência é entendida como absoluta e a subjetividade como relativa. No entanto, na análise do mundo da vida, Husserl mostra que a ciência é relativa e a subjetividade absoluta.

da experiência do dia a dia e dos usos do dia a dia. Essas questões têm uma hierarquia natural que provê a vida política, e, logo, a filosofia política, da sua orientação fundamental (1988, p. 80)²⁸.

Assim, a minha hipótese é que a valorização da maneira clássica de pensar os problemas fundamentais do humano como humano, percebida de forma flagrante na interpretação straussiana, possui implicitamente uma inspiração fenomenológica no sentido de Husserl. Como é visto, é a “experiência do dia a dia” que é pontuada como centro da análise, são “os termos inteligíveis e familiares” a qualquer indivíduo que importa. Nitidamente Strauss ataca a filosofia política e a ciência social moderna/contemporânea por ser demasiado cientificista e “filosófica”, totalmente incompreensível para a multidão, assunto de especialistas distantes da realidade social e de linguagem exclusivista, quase ininteligível até para os pares. Essa mudança nos termos afastou tanto os teóricos em relação ao indivíduo comum, pelo preconceito negativo da ciência/filosofia no que se refere ao senso comum, quanto os próprios indivíduos que se afastaram completamente dos assuntos importantes da vida política, pois passaram a ver a política como um assunto de difícil compreensão, demasiado teórico e restrito a poucos.

Em suma, demonstrado a concordância de Strauss com vários pontos do pensamento de Husserl, e o fato de que ele viu no projeto fenomenológico um caminho possível para o resgate de um tipo de racionalidade investigativa das coisas humanas que se revelam no mundo mesmo, semelhante à razão clássica, é possível então dizer que o resgate da filosofia política proposto por Strauss, enquanto uma investigação radical do político, que se volta aos termos e às coisas essenciais deste campo, possui uma inspiração fenomenológica. Portanto, a filosofia política proposta por Strauss é uma filosofia política conectada aos fenômenos políticos, isto é, uma filosofia política fenomenológica.

Referências

ALTINI, C. *Philosophy as Stranger Wisdom. A Leo Strauss Intellectual Biography*. New York: State University of New York Press – 2022.

²⁸ (No original) “The primary questions of classical political philosophy, and the terms in which it stated them, were not specifically philosophic or scientific; they were questions that are raised in assemblies, councils, clubs and cabinets, and they were stated in terms intelligible and familiar, at least to all sane adults, from everyday experience and everyday usage. These questions have a natural hierarchy which supplies political life and hence political philosophy, with its fundamental orientation”.

BEDORF, T.; HERRMANN, S. (Editors) *Political Phenomenology Experience, Ontology, Episteme*. New York, Routledge Press, 2020.

CHACÓN, R. Between Conservatism and Utopia, or, Leo Strauss's Quest for a Nonpolitical Foundation. *Etica & Politica / Ethics & Politics*, XXI, 2019, 3, pp. 93-114.

CHACÓN, R. Strauss and Husserl. *Idealistic Studies*. April 28, 2015, pp. 2-16.

COLEN, J. A., & MINKOV, S. (Editors) *Toward Natural Right and History Lectures and Essays by Leo Strauss, 1937– 1946*, Chicago; London: The University of Chicago Press, 2018.

CICCARELLI, P. *Leo Strauss tra Husserl e Heidegger: Filosofia pratica e fenomenologia*, Edizioni ETS, 2018.

COOPER, B. Phenomenology and Political Science. *Canadian Journal of Political and Social Theory*. Vol. V, No. 3. Fall, 1981.

CROPSEY, J.; STRAUSS, L. (ed.). *History of Political Philosophy*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

DRUMMOND, J. J. *Historical Dictionary of Husserl's Philosophy (Historical Dictionaries of Religions, Philosophies, and Movements)*. New York: Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 2007.

FOUCAULT, M. *Nascimento da biopolítica: curso dado no Colégio de France (1978-1979)* - São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 141-142.

HUSSERL, E. *Europa: crise e renovação*. 1ª Ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2014.

_____. *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental*. Lisboa: Phenomenon/Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2008.

_____. *A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia*. Introd. e Trad. Urbano Zilles – Porto Alegre; EDIPUCRS, 1996.

_____. *A Filosofia como Ciência de Rigor*. Trad. Albin Beau. Coimbra: Editora Atlantida, 1965.

_____. *A Ideia da Fenomenologia*. Trad. de Artur Morão. Lisboa: Edições 70. 1989.

_____. *Correspondence. Briefwechsel Edmund Husserl ; in Verbindung mit Elisabeth Schuhmann herausgegeben von Karl Schuhmann. Husserliana Dokumente: Bd. 3*, 1993.

_____. *Einleitung in die Ethik. Vorlesungen Sommersemester 1920 und 1924*. Edited by Henning Peucker. Dordrecht, Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2004.

_____. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Trad. M. Suzuki. São Paulo: Ideias & Letras, 2006.

_____. *Meditações Cartesianas: uma introdução à fenomenologia* – São Paulo: Edipro, 2019.

_____. Zur Phänomenologie der Intersubjektivität, Texte aus dem Nachlass, Dritter Teil: 1929–1935. Husserliana XV. Edited by Iso Kern. The Hague: Martinus Nijhoff, 1973.

JUNG, H. Y. The Life-World, Historicity, and Truth: Reflections on Leo Strauss's Encounter with Heidegger and Husserl. *Journal of the British Society for Phenomenology*, Vol. 9 n. 1, 1978, pp. 11-25.

LEFORT, C. *Desafios da Escrita Política*. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

MIETTINEN, T. "A sociality of pure egoists": Husserl's critique of liberalism. *Continental Philosophy Review*, 56: 2023, pp. 443–460.

PELLUCHON, Corine. *Leo Strauss and the crisis of rationalism: another reason, another enlightenment*. State University of New York, SUNY Press, 2014.

SOKOLOWSKI, R. *Introdução à Fenomenologia*. Trad. Alfredo de Oliveira Moraes, São Paulo, Ed. Loyola, 2004.

SCHUMANN, K. *Husserl y lo político: la filosofía husserliana del Estado*. Trad. Julia Iribarne, Buenos Aires. Prometeo Libros, 2009

SCHUTZ, A. (papers) Series III. Subject Files and Correspondence. Strauss, Leo. General Collection, Beinecke Rare Book and Manuscript Library.

_____. *On Phenomenology and Social Relations*, Chicago, University of Chicago Press, 1970.

STRAUSS, L. *An Introduction to Political Philosophy: Ten essays by Leo Strauss*. [Ed. Hilail Gildin]. Detroit: Wayne State University Press, 1989.

_____. *Natural Right and History*. Chicago: The University of Chicago Press, 1971 (1953).

_____. *On Tyranny*. Chicago: The University of Chicago Press, 2000.

_____. Social Science and Humanism, *In*. STRAUSS, L. PANGLE, L. (Org.). *Rebirth of Classical Political Rationalism*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

_____. Philosophy as Rigorous Science and Political Philosophy, *In*. STRAUSS, L. *Studies in Platonic Political Philosophy*. Chicago: The University of Chicago Press, 1983.

_____. *The Strauss–Krüger Correspondence: Returning to Plato through Kant*. Ed. Susan Meld Shell, Palgrave Macmillan, 2018.

_____. *The City and Man*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992 (1964).

_____. The Living Issues of German Post-War Philosophy, *In*. MEIER, H. *Strauss and the Theologico-Political Problem*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

_____. The Origins of Political Science and The Problem of Socrates: Six Public Lectures, Interpretation Journal Political Philosophy, Winter, Volume 23 Number 2, 1996.

_____. *What is Political Philosophy? And Other Studies*. Chicago: The University of Chicago Press, 1988 (1959).

_____. What Can We Learn From Political Theory? The Review of Politics 69, University of Notre Dame 2007, (1943), pp. 515-529.

THOMPSON, K. EMBREE, L (Eds.) *Phenomenology of the Political. Series: Contributions to Phenomenology* 38. Springer Netherlands, 2000.

VOEGELIN, E. – STRAUSS, L. *Fé e Filosofia Política: A Correspondência entre Leo Strauss e Eric Voegelin (1934-1964)*. Trad. Pedro Sette Câmara. 1ª Ed. São Paulo; É Realizações, 2017.

Recebido em: 29/06/2024.

Aprovado em: 20/10/2024.

Publicado em: 29/11/2024.